

DE SEM-TERRA A SEM-TERRA: MEMÓRIAS E IDENTIDADES *FROM LANDLESS TO LANDLESS: MEMORIES AND IDENTITIES*

Natália Kerche Alvaides e Rosemeire Aparecida Scopinho
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil

RESUMO

O artigo analisa a contribuição da memória no processo de enraizamento e de reconstrução da identidade social de trabalhadores em assentamentos de reforma agrária. Estudamos as lembranças da trajetória de vida de um trabalhador rural assentado vinculado ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) escolhido, intencionalmente, em razão da faixa etária, da experiência com o trabalho rural e da participação em movimentos sociais de luta pela terra. As informações foram obtidas por meio de entrevistas, que combinaram relatos orais de histórias de vida com perguntas exploratórias, além de análise documental. As categorias família, trabalho e participação política permitiram compreender a relação entre os quadros de memória, o processo de construção das diferentes personagens componentes da identidade, assim como o diálogo estabelecido entre elas e os princípios organizativos do MST. A identidade Sem-Terra tanto é produto dessas relações quanto é por elas ressignificada no processo de lembrar.

Palavras-chave: memória; identidade social; enraizamento; movimentos sociais; reforma agrária.

ABSTRACT

The article analyzes the memory contribution in the process of re-rooting and reconstruction of workers' social identity in agrarian reform settlements. We studied the remembrances of the life path of a settled rural worker linked to the MST – Movement of Landless Rural Workers, chosen on purposely on account of age band, experience as a rural worker and participation in social movements struggling for land. Information was obtained through interviews, which combined verbal statements of life history with exploratory questions, besides documental analysis. The categories family, work and political participation allowed understanding the relationship between memory pictures, the process of construction of the different characters composing the identity, as well as the dialogue established amongst them and the organizational principles of the MST. The identity Landless is a product of those relationships as much as is re-signified by them in the remembering process.

Keywords: memory; social identity; rooting; social movements; agrarian reform.

As recentes transformações econômicas e sociais tornaram o rural brasileiro heterogêneo, em termos das características, necessidades e interesses de expressiva parcela de trabalhadores que, marcados tanto pelo desenraizamento quanto pela tentativa de reconstrução da identidade social, buscam nos movimentos de luta pela terra uma alternativa para garantir trabalho e melhorar as condições de vida.

Segundo Bosi (2004), os trabalhadores rurais migrantes perdem não só a paisagem natal — a roça, a caça, os animais, a casa —, mas também os vizinhos, as festas, as maneiras de vestir, o entoado de falar, de viver, de louvar a Deus. Ao perderem as múltiplas raízes culturais vivenciam um processo de desenraizamento que pode levar à fragmentação da identidade social, porque a “base objetiva material” desta nova condição de vida não condiz mais com a “configuração subjetiva do sujeito”. No entanto, em contato com o grupo social de referência, o sentimento

de pertença pode ser recuperado por meio de imagens, ideias, valores e afetos compartilhados.

Stédile e Fernandes (1999) defendem que a inserção desses trabalhadores em movimentos sociais do campo é uma alternativa política para transformar essa condição. Os autores consideram que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra — MST — tem atuado nessa direção ao reconstruir e compartilhar não só valores e tradições, mas também propor diretrizes organizativas para os acampamentos e assentamentos que apontam para a possibilidade de transformar as condições de trabalho e vida no campo e, assim, contribuir na construção da identidade de trabalhador rural Sem-Terra.

Neste artigo, procuramos compreender como a memória participa do processo de enraizamento e reconstrução da identidade social de trabalhadores que, por força das transformações do rural, foram obrigados a deixar suas terras, passaram por

processos migratórios e inseriram-se na luta pela terra, em busca de melhores condições de trabalho e vida.

Sobre enraizamento, memória e identidade

Partimos da ideia de que a subjetividade, embora se expresse no plano individual por meio de crenças, valores, representações e comportamentos, estrutura-se no campo social constituindo-se como produtora e produto da identidade social, sob a mediação da linguagem e do trabalho. Ao ser excluído da rede social de pertencimento, o sujeito afasta-se dos seus valores, ideologias, costumes e crenças e encontra dificuldades de ordem objetiva e subjetiva para realizar-se e reproduzir-se como ser social.

Simone Weil (1996) argumentou que a necessidade humana mais importante e desconhecida é o enraizamento, que ocorre por meio da participação real, ativa e natural da existência em coletividade, conservando viva a memória do passado e as expectativas em relação ao futuro. Esta capacidade de participação vem, automaticamente, da origem, do nascimento, da profissão e do lugar de pertencimento. As influências externas, as mudanças são importantes como estímulos que tornem a vida mais intensa, mas se elas forem coercitivamente impostas promovem a “doença do desenraizamento”. A autora refere-se a um processo não somente geográfico, mas, sobretudo, moral e provocado pelo modo como se desenvolvem as relações sociais e a dominação econômica.

O desenraizamento é, por excelência, o desconhecimento do sujeito sobre a sua condição no mundo. Nas palavras de Bosi (1987, p. 21) “é um efeito da alienação: é uma situação-limite do dominado na estrutura capitalista”. Segundo Gonçalves Filho (1998), no processo de desenraizamento, desaparecem as condições intersubjetivas que garantem a liberdade, a pluralidade e a igualdade entre o homem e seu mundo. O desenraizado sofre por não reconhecer e ser reconhecido, por não existir socialmente. Para Frochtengarten (2002), o desenraizamento torna-se uma doença da cultura e da estrutura capitalista e expande-se quando a união entre os homens já não é favorecida, impedindo a comunicação com o passado e as iniciativas futuras. Uma ruptura biográfica acontece quando as instituições que foram essenciais na formação do sujeito já não fazem mais sentido na sua vida social. E é, exatamente, essa a dimensão psicológica do desenraizamento social, diante da qual se pode perder a significação da vida e gerar um esvaziamento identitário, por falta de vínculos com o passado e de projetos para o futuro.

A memória pode afetar o processo de desenraizamento dada a sua capacidade de transformar o presente na medida em que reinterpreta o passado que nela está retido na forma de símbolos. Para Bosi (2004, p.16) “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade”, ou seja, a memória de experiências passadas tanto expressa a história de vida dos memorialistas quanto a sua interpretação da realidade presente.

Para Halbwachs (2006), a memória não é depositária de um passado conservado na inteireza. Os fenômenos sociais do presente influenciam os fenômenos mnêmicos porque, ao mesmo tempo em que as percepções atuais buscam referências nas lembranças antigas, estas se adaptam ao conjunto das percepções do presente e, assim, ajudam a recompor os quadros de memórias. Ao tratar de como se dá a conservação do passado e a sua articulação com o presente, o autor rompeu com as vertentes metodológicas introspectivas, que viam a memória como fonte de conservação pura do passado, e preocupou-se com as funções que as representações e ideias exercem no interior do grupo e da sociedade em geral e como elas (re)constroem a memória humana, constituindo-a como fenômeno coletivo que atribui significados e significações aos fatos, de acordo com os interesses do grupo social de referência. Apoiando-se nessas ideias, Frochtengarten (2002) diferenciou a imagem evocada da experiência vivida: “uma lembrança é o presente de um passado que vem todo atravessado por formas de percepção, ideias e juízos que trazemos em nosso atual cabedal de representações e que se vinculam aos grupos que hoje participamos” (p.14).

A Psicologia Social, ao apoiar-se neste referencial para entender a memória como constitutiva de subjetividades e identidades, investiga o que se localiza entre os fenômenos puramente objetivos e os puramente subjetivos e recorre às tramas de caráter sociológico que permeiam a vida cotidiana, isto é, considera como se estruturam as relações sociais vivenciadas pelo sujeito e como ele delas participa. Como afirma Bosi (2004), ao lembrar, o sujeito encontra significados e questiona a sua condição no mundo, que é permeada por valores, regras e condutas sociais, logo, de filiação institucional veiculada pela linguagem. Desse ponto de vista, a memória é fundamental para o sujeito e o seu grupo social de referência, por fornecer elementos que proporcionam unidade física, continuidade no tempo e sentimento de coerência e pertença, ou seja, enraizamento.

O MST, ao defender princípios organizativos que resgatam, valorizam e ressignificam as heranças culturais trazidas pelos trabalhadores rurais em seus

quadros de memória, procura criar condições para que eles vivenciem o sentimento de unidade, continuidade e coerência. Assim, o Movimento entende que o sujeito, por estar inserido em um movimento social que luta politicamente pela terra, pode passar da condição individual de estar sem-terra para a de ser Sem-Terra¹. Para tanto, o MST utiliza recursos formais como assembleias, congressos e reuniões e também outros recursos subjetivos como a vivência cotidiana, a mística e o discurso político. Para este movimento social, a cultura camponesa é produto da forte relação que o homem do campo estabelece com a natureza e, por isto, ela assume características vinculadas ao mito, à superstição, à tradição, à contemplação e ao raciocínio associativo de conotação “ingênua e imediatista” que se expressa na forma como o trabalhador rural lida com a vida econômica e social. Para além da defesa da distribuição de terras, o MST busca garantir um processo de formação continuada que desmitifique os sistemas culturais, transforme a natureza “ingênua e imediatista” e fortaleça a consciência política a partir da combinação de práticas, outros referenciais e padrões de vida que permitam a reprodução do camponês como sujeito social (Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil - Concrab, 1997).

Nos acampamentos e assentamentos rurais, entre os princípios organizativos mais importantes encontra-se a cooperação autogestionária – como ação social organizada para atingir objetivos e resolver problemas comuns – e a agroecologia – como forma de desenvolver a pequena produção agropecuária limpa e conservacionista, respeitando os recursos naturais e humanos (Concrab, 2001; MST, 2006). Do ponto de vista desse movimento social, isto é fundamental para não reproduzir as relações de exploração que levaram os trabalhadores ao empobrecimento e ao êxodo, ou seja, ao desenraizamento. Tais princípios têm encontrado eco nas vivências de parte da base social que compõe o Movimento, especialmente dos que já experimentaram a vida no campo, onde a agricultura familiar tradicional baseada na cooperação espontânea entre parentes e vizinhos, em meio às transformações econômicas e sociais em curso, vem dando lugar às relações de produção empresariais.

Assim, a identidade Sem-Terra tanto concretiza quanto é concretizada por esses princípios, posto que o encontro da singularidade dos sujeitos com eles pode (ou não) interagir ativamente. O fato de os trabalhadores já assentados se identificarem como Sem-Terra sinaliza que a luta pela terra não se esgota com a posse de um lote de reforma agrária e é também uma luta política pela garantia de direitos sociais como saúde, educação, seguridade social, entre outros.

Para compreender o processo de transformação identitária de trabalhadores rurais envolvidos com a luta pela terra no âmbito do MST, utilizamos o conceito de identidade que articula a constituição do sujeito na sua relação com a estrutura social e o lugar de pertencimento. Pedra angular do conhecimento em Ciências Humanas e Sociais, especialmente da Psicologia, esse conceito tem longa trajetória de desenvolvimento. Para Tajfel (1974), a identidade social é ligada ao conhecimento que o indivíduo tem sobre a sua pertença a certos grupos sociais e da significação emocional e avaliativa que resulta dessa pertença. Portanto, é por meio da pertença a diferentes grupos que o sujeito adquire a identidade social que define o lugar particular que ele ocupa na sociedade. Erving Goffman (1985) utiliza o termo personagem para referir-se à identidade empírica por meio da qual essa se representa no mundo. Dessa forma, a personagem representa um papel social e uma identidade coletiva a ele associada, construída e mediada por meio de relações sociais².

Também baseado na noção de personagens, Ciampa (1987) defende que a identidade social é constituída por uma bricolagem de personagens, ou seja, momentos de identidade. Diferenciando-se da perspectiva intergrupal para o entendimento do processo identitário, esse autor alega que as diferentes maneiras de estruturação das personagens indicam o modo como a identidade é constituída por cada um. A articulação de igualdades e diferenças entre as personagens constitui e é constituída por uma história pessoal, uma estrutura social e um momento histórico. A nomeação torna-se muito importante para a constituição da personagem, que é uma representação da identidade. Porém, para esse autor, é necessário ir além da simples nomeação e analisar, profundamente, como se dá o processo de constituição das personagens. Ele chama a atenção para o fato de que o substantivo advém de um verbo: “interiorizamos o que é predicado, a atividade coisifica-se sob a forma de uma personagem que subsiste independente da atividade que a engendrou e que a deveria sustentar” (Ciampa, 1987, p.133). Isso que dizer que, para compreender como se dão as predicções, é necessário recorrer à atividade humana como categoria explicativa: o sujeito não é algo, ele é o que faz. A identidade só pode ser entendida como relação, porque o sujeito é constituído pelo que ele é e também pelo que ele não é, o que possibilita captar significados ocultos, desvelar personagens ocultas.

Como, então, analisar o processo identitário sem tender para uma análise da identidade como predicada? Segundo Ciampa (1987), a maior dificuldade estaria na obtenção de informações válidas e fidedignas, o

que pode ser sanado na medida em que se obtêm mais informações sobre o sujeito e se observa não só o dado, mas o dar-se. É importante conhecer não unicamente o sujeito, mas as novas identidades que surgem por meio de suas atividades, suas relações com o mundo. Escutar a narrativa que ele faz de si, de sua identidade, permite melhor conhecê-lo. Na busca por relações, ganha destaque a história de vida do sujeito, acessada por meio de suas memórias.

Atividade e relação, situadas na trajetória de vida dos sujeitos, permitem entender a identidade não mais como algo estático, que nos é predicado, mas como metamorfose, ou seja, quando as determinações exteriores são transformadas em autodeterminação. Ciampa (1987) aponta que o ser-para-si é buscar a autodeterminação, é procurar a unidade entre a subjetividade e a objetividade, fazendo do agir uma atividade finalizada e relacionando o desejo e a finalidade pela prática transformadora de si e do mundo. Desse ponto de vista, o ser humano seria a unidade entre a atividade, a consciência e a identidade. As transformações na identidade acontecem, concomitantemente, com as transformações na consciência, tanto quanto nas atividades trazidas por esse movimento.

Para esse autor, a identidade não é algo plenamente concretizado – como concreto, está sempre se concretizando. A concretude é, justamente, a sua temporalidade: passado, presente e futuro. E é, exatamente, no processo de desenraizamento/enraizamento, na relação entre sujeito-grupo-estrutura social que, empiricamente, podemos ver expresso o real movimento da identidade, no seu caráter de metamorfose.

Com base nesse referencial, analisamos as narrativas de lembranças de um trabalhador rural assentado com o objetivo de identificar as suas representações sobre as experiências passadas e as vividas, atualmente, no processo de luta pela terra e as relações que se estabelecem entre essas lembranças na configuração da identidade social de trabalhador rural Sem-Terra. Trabalhamos com a hipótese de que a memória deste trabalhador foi re-significada pela vivência dos princípios organizativos preconizados pelo MST, o que proporcionou condições para o enraizamento e, conseqüentemente, para a reconstrução da identidade social.

O memorialista é morador do Assentamento 17 de Abril, antigo Horto Florestal Fazenda Boa Sorte, localizado em Restinga-SP e foi, intencionalmente, escolhido em razão da faixa etária (mais de sessenta anos), da experiência com o trabalho rural e da participação em movimentos sociais, especificamente os de luta pela terra. As informações foram obtidas

por meio de uma pré-entrevista, de duas entrevistas abertas e de uma entrevista semiestruturada, que foram gravadas, transcritas e analisadas de modo a eleger, posteriormente, as categorias família, trabalho e participação em movimentos sociais que permitiram compreender a relação entre os quadros da memória e o processo de construção da identidade Sem-Terra. Para melhor conhecer os contextos referidos nas lembranças, analisamos documentos e realizamos visitas ao Assentamento Boa Sorte e à cidade de Xapuri-AC³, os mais importantes cenários referidos.

O memorialista foi denominado pelo próprio nome, Pedro Sebastião Rocha, com a sua devida autorização (Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar, protocolo 121/2009). Ao longo do texto, para melhor relacionar as suas lembranças com a noção de identidade de Ciampa (1987), o denominaremos de diversas formas: Seu Pedro – como conhecemos o protagonista da investigação – que encenou várias personagens ao longo da vida e as expôs nas narrativas; Pedrinho, na infância; Pedro, no início da vida adulta; Pedro Rocha, nos tempos em que viveu no Acre; Pedro Xapuri, quando voltou para São Paulo e vinculou-se ao MST. Os nomes são reais e relacionam-se ao modo como Seu Pedro foi ou é conhecido. As personagens convivem de maneira dinâmica em Seu Pedro, portanto, mesmo nos referindo especificamente a uma não a dissociamos das outras.

Para ser coerente com o referencial teórico utilizado, procuramos respeitar, ao máximo, a ordem e a importância das lembranças trazidas pelo memorialista, pois a própria ordem em que elas aparecem é, por si só, significativa da forma como elas constituem o sujeito e seu grupo social. A análise privilegiou tanto a estrutura da narrativa – a ordem como os eventos foram lembrados – quanto o processo narrativo – os eventos rememorados. Nas entrevistas, utilizamos a técnica da exploração aberta, que combina relatos orais de história de vida e perguntas exploratórias, de forma a deixar o entrevistado encadear e compor, à sua vontade, os momentos do seu passado. Como a memória não é um ato passivo de invocação, mas ato organizador do pensamento e das lembranças, justifica-se a importância do respeito aos caminhos que os próprios recordadores constroem para evocar o passado (Bosi, 2004).

Apresentamos, primeiramente, as personagens construídas ao longo da trajetória de vida de Seu Pedro, bem como as diferentes pertencas e a influência dos coletivos na construção delas, expresso pela análise das categorias: a família, o trabalho e a participação em movimentos sociais. Por fim, analisamos a relação dessas personagens com a identidade Sem-Terra.

Pedrinho

Seu Pedro foi o mais novo entre os homens de uma família de doze irmãos e não frequentou escola. A personagem Pedrinho e seus irmãos nasceram e se criaram num mundo rural onde o trabalho era, intrinsecamente, ligado à exploração da terra e não se separava das outras dimensões da vida.

Na cidade de origem, Jaquaretama – CE, ele enfrentou muitas dificuldades: a falta de infraestrutura, de trabalho e a exploração do patrão. Arrendatários da terra que cultivavam, a família era explorada pelo proprietário que, além de ficar com a maior parte da produção e superfaturar a venda de gêneros de primeira necessidade, valia-se do nome dos trabalhadores para obter financiamentos bancários e repassar para eles próprios a juros maiores.

Lembrou as brincadeiras de faz de conta com o irmão mais velho Cícero, que imitavam a realidade vivida no sertão, como quando “*brincavam de latifúndio*”, transformando pedras em touros. Lembrou-se também de episódios alegres vividos com a mãe no vilarejo, quando divertia os vizinhos dançando em troca de doces.

De modo geral, o pai era o responsável pelo trabalho na roça e a mãe pela manutenção da casa. Seu Pedro atribuiu grande valor à função da mãe na estrutura familiar que, junto com os filhos, cuidava do sustento da família por meio da criação de pequenos animais e da caça.

Entre as brincadeiras e as lutas pela sobrevivência, Seu Pedro criou sua primeira personagem, Pedrinho. Analfabeto, ele interagiu com o mundo por meio de brincadeiras e do trabalho e, assim, também aprendia as consequências da exploração.

A participação política de Seu Pedro começou no Estado do Acre, nos anos oitenta, motivado pelo desejo de permanecer na terra. Entretanto, as suas lembranças da infância trazem fatos e marcos que influenciaram o seu posicionamento político. Vivendo a opressão desde criança, Pedrinho trabalhou no campo e não pode frequentar a escola, tendo sido alfabetizado somente no início da vida adulta, quando já morava na cidade. Analfabeto, explorado e com dificuldades financeiras, ele dizia-se saudosos dos momentos da infância ligados ao convívio familiar.

Pedro

No início da vida adulta Seu Pedro tornou-se o provedor da casa. Analisando as condições inóspitas do

local onde vivia com a família, sugeriu mudança para onde houvesse melhores condições de sobrevivência. Entrou em cena Pedro, nova personagem cuja marca é a luta pela autonomia.

Pedro buscou romper com as condições de exploração a que Pedrinho estivera exposto, porém, elas se repetiram nos novos lugares para onde ele e a família migraram. A tentativa frustrada de permanência no trabalho rural não propiciou o suficiente para o sustento familiar, e o memorialista tentou a sorte na cidade como assalariado. Motivado mais uma vez pelas dificuldades de sobrevivência, o memorialista decidiu por uma nova migração, dessa vez para terras mais distantes onde esperava encontrar melhores condições de sobrevivência. Atraído pela possibilidade de obter terra aderindo à política de ocupação da Amazônia promovida pelo governo militar, Seu Pedro resolveu ir para o Acre. Ocorreu, nesse momento, a primeira ruptura significativa na estrutura familiar. Ele se separou dos pais, que permaneceram em Fortaleza, e viajou, primeiramente, para São Paulo, para de lá ir para o Acre. A personagem Pedro conheceu, então, os males do desenraizamento.

A família apareceu nas suas narrativas como ponto de apoio e de razão para a cartografia da migração. Ele traçou a logística de sua ida ao Acre tendo como ponto de apoio uma irmã que residia na cidade de São Paulo. Ao chegar ao seu primeiro destino e sem dinheiro, a irmã e as oportunidades de ter emprego na maior e mais industrializada cidade da América Latina seduziram o memorialista, que ali permaneceu. Com a trajetória rumo ao Acre interrompida, Seu Pedro iniciou uma vida de trabalho assalariado na capital paulista.

Em 1973, ocorreu um novo marco familiar quando o pai morreu e o migrante voltou para o Ceará, onde convenceu a mãe-viúva, quatro irmãs e um sobrinho a retornar com ele, reafirmando seu papel central na estrutura familiar. Após o falecimento de sua mãe, ele casou-se com Almerinda, sua namorada desde o sertão nordestino, que na época já residia em São Paulo com as irmãs, e formou um novo núcleo familiar, agora como patriarca.

Mesmo com as perspectivas de crescimento na fábrica em que trabalhava, crescia um desejo que começou a tomar forma: o de ser o responsável pela organização do seu próprio trabalho. Ele pediu demissão da fábrica e tornou-se retirinista⁴ mas, ainda sem condições de ser o proprietário dos meios de produção, alocou uma máquina de confecção em sua própria residência para ter a liberdade de determinar o ritmo do trabalho, além de poder inserir a família na produção.

Construiu-se uma nova personagem: Pedro. Embora ele não tivesse narrado lembranças de envolvimento em movimentos sociais ou sindicais nos anos setenta, considerou no processo de lembrar que isso se deu devido à repressão da ditadura militar⁵.

Nesse ponto ressurgiu na narrativa das lembranças o motivo inicial de sua ida para São Paulo: a migração para o Estado do Acre. Essa migração foi motivada, mais uma vez, por dificuldades no sustento da família, que ocorreu com o aval de sua esposa.

Pedro Rocha

Com o desejo de “*não ser mais empregado de ninguém*”, uma nova personagem começou a ganhar forma, Pedro Rocha. No Acre, negociada a posse da terra, ele e a família transferiram-se para uma colocação⁶ de acomodações simples, situada no Seringal Porvir, em Xapuri.

A família foi importante para a fixação de Seu Pedro em terras acreanas. A ida do cunhado significou um fortalecimento na rede de apoio, bem como nas condições de sobrevivência. Logo, junto com o cunhado, ele desenvolveu estratégias para sobreviver, Dona Almerinda também se inseriu na dinâmica da comunidade, tornando-se uma figura significativa como professora, que, mesmo com escasso retorno financeiro, empenhava-se na alfabetização de seringueiros.

Pedro Rocha retomou o vínculo com a terra, mas não da mesma maneira inocente e subordinada da infância. A sua experiência e a ajuda de familiares e amigos contribuíram para melhorar não só as suas condições de vida, mas também as da comunidade. Além disso, o memorialista trouxe as lembranças da adaptação ao bioma amazônico. Sua estratégia de sobrevivência na floresta amazônica deu-se, sobretudo, por manter um equilíbrio na exploração da natureza ao aplicar seus conhecimentos e experiências sobre agricultura herdada da família naquela realidade. Prevaleceu a narrativa sobre o uso de um sistema de plantio tradicional, que preserva o solo e busca a harmonia entre as espécies cultivadas.

Porém, a vida na floresta e o trabalho nos seringais contavam com a participação de um antagonista: o patrão seringalista. Mesmo com a posse da terra, o seringueiro era explorado porque o patrão era o intermediário na compra e venda dos produtos extrativistas e na comercialização dos produtos necessários para a sobrevivência na mata. A exploração assumiu diferentes formas na trajetória de Seu Pedro por meio das personagens Pedrinho, Pedro

e Pedro Rocha e foi, justamente, a vivência dessas condições que fez com que, com o passar dos anos, Seu Pedro fortalecesse vínculos afetivos e políticos e se envolvesse com a luta sindical. Pedro Rocha, personagem militante composto em terras acreanas, constituiu-se com base nas experiências e vivências de Pedrinho – menino trabalhador rural – e Pedro – migrante nordestino no centro urbano paulista. Porém, o elemento fundamental da construção da personagem militante Pedro Rocha está na sua relação com a terra. No Acre, Seu Pedro não comprou o lote de terra, e sim o direito de posse que, na conjuntura amazônica daquela época, era legítimo.

Mudaram os atores e a natureza dos conflitos com a chegada dos fazendeiros do sul e do sudeste ao Acre. Os projetos de colonização da região amazônica formulados pelo regime militar para resolver os conflitos fundiários latentes nas regiões sul e sudeste modificaram as relações entre os seringueiros e a questão agrária na Amazônia. Antes, o conflito estava relacionado à exploração da força de trabalho do seringueiro, depois passou a ter como causa a expulsão dele da terra (Paula & Silva, 2006; Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri – STR-Xapuri, 1986).

Foi nesse momento que a atuação política de Seu Pedro nos movimentos sociais de resistência sofreu uma mudança qualitativa na forma e no conteúdo. Migrante em região de conflitos, Seu Pedro iniciou contatos e amizades e, além disso, começou a perceber a realidade local, conheceu as lideranças e o modo de organização política dos seringueiros.

Envolvido com a militância sindical, Seu Pedro ocupou a vice-presidência do STR Xapuri, para contribuir na reestruturação e fortalecimento do movimento sindical dos seringueiros na região. Paralelamente à construção da nova sede e à regularização dos filiados, os sindicalistas investiam na formação política dos seringueiros, cujos eixos eram o valor do trabalho e a defesa da permanência na terra, a divulgação e a orientação sobre os direitos contidos no Estatuto da Terra. Principalmente, contrapunham as vantagens de permanecer na terra e as desvantagens da migração para centros urbanos, onde os trabalhadores rurais sofriam com a especulação imobiliária, a falta de emprego e adaptação, ou seja, os males do desenraizamento.

Tendo se envolvido com a defesa da permanência dos seringueiros na terra, o sindicato tornou-se contrário aos interesses de grandes fazendeiros e alvo de retaliações. Todavia, o STR de Xapuri mantinha-se consolidado e unido, organizando ações de resistência. Entre elas, o empate, forma de confronto utilizado pelos sindicalistas acreanos na década de 1980, que consistia

em reunir os seringueiros, muitas vezes depois de dias de caminhada, em determinada área que o fazendeiro pretendia desmatar e/ou expulsar os trabalhadores. Munidos com armas, facões e seus próprios corpos, eles formavam uma barreira humana contra a invasão, permanecendo por quanto tempo fosse necessário para impedi-la.

O crescimento da tensão devido aos confrontos entre fazendeiros e sindicalistas aumentou o número de ameaças e emboscadas, as quais resultaram em perdas concretas. Lembranças de companheiros de luta mortos foram narradas com pesar. Uma perda, em especial, marcou definitivamente a vida do memorialista: a morte de Chico Mendes, companheiro de luta e amigo da família, considerado mártir que personificou a luta dos seringueiros da Amazônia pela terra. Estando com Chico Mendes desde a manhã no dia de sua morte e tendo testemunhado outras ameaças contra a vida do líder sindical, ele fez uma narrativa rica em detalhes sobre o fato. A própria vida de Seu Pedro esteve em risco, e ele desenvolveu estratégias de autoproteção contra as emboscadas, que se tornavam cada vez mais frequentes e fatais.

Após narrar as lembranças relativas ao seu engajamento político, Seu Pedro considerou a ideia do trabalho novamente, quando mencionou a criação da Caixa Agrícola dos Trabalhadores de Xapuri, da qual foi presidente. É interessante notar que essa iniciativa foi uma estratégia para lidar com a exploração sofrida e tinha como pano de fundo uma proposta de melhoria das condições de vida dos seringueiros, na medida em que visava a facilitar a comercialização da produção bem como contornar as adversidades da vida no seringal.

Pedro Xapuri

Em 1989, depois da morte de Chico Mendes, por motivo de segurança, Seu Pedro deixou o Acre. A morte de Chico Mendes tornou-se de grande valor subjetivo para Seu Pedro, pois significou uma relativa desestruturação do sindicato. Chico Mendes e o que ele representa são lembranças evocadas com frequência e se farão presentes por onde andar Seu Pedro: a luta pela terra e o compromisso com os trabalhadores rurais. Pedro Rocha passou a ser chamado pelos seus companheiros paulistas, depois do retorno, de Pedro Xapuri.

Ao retornar para São Paulo para o enterro de sua sogra, ele foi pressionado pela família para permanecer na capital paulista. Seu Pedro trouxe à lembrança a adesão de Dona Almerinda a essa pressão, que demonstrou medo de ficar viúva com os filhos em

terras amazônicas tendo em vista as mortes, como a de Chico Mendes.

A vida de luta e conquista da autonomia, da terra e do direito de nela permanecer seria, novamente, substituída pela vida na periferia urbana. Para não voltar a essa condição, ele buscou alternativas, valendo-se da extensa rede de amigos e de cooperação criada durante o seu engajamento político na Amazônia. Mudou-se com a família para o interior de São Paulo, na cidade de Franca, onde conseguiu trabalho como zelador do Sindicato dos Sapateiros da cidade. Envolvido com esse sindicato, foi convidado para participar da ocupação da Fazenda Boa Sorte, que considerou como possibilidade para retomar o vínculo com a terra.

No início de 1998, quando ocorreu a ocupação da Fazenda Boa Sorte, Seu Pedro dividia seu tempo entre a ocupação e o seu trabalho na horta municipal da cidade. No processo de ocupação, o contato de Seu Pedro com o MST aconteceu devido às relações mantidas com a Central Única dos Trabalhadores – CUT – no STR Xapuri.

Pedro Xapuri participou do acampamento até a oficialização do assentamento e dividiu com seu filho mais velho a esperança da conquista da terra reivindicada. Esse compartilhava dos mesmos ideais do pai e logo se engajou na luta pela terra por meio do MST, o que garantiu a sua formação acadêmica e política. A família obteve o direito de posse de um lote na fazenda ocupada. Nesse ponto da narrativa de suas lembranças, Seu Pedro refletiu sobre a importância de conciliar militância e trabalho nos assentamentos da reforma agrária, exatamente, para dar crédito à política de redistribuição de terras brasileiras.

No Assentamento Boa Sorte, ele é membro da direção regional do MST e sobrevive da pequena agricultura desenvolvida de modo orgânico e tradicional. Juntamente com Dona Almerinda, organizou uma pequena associação entre os vizinhos para produzir pães e doces e, ao comercializarem o que produzem, divulgam a luta em favor da reforma agrária.

De múltiplos personagens se fez um sem-terra

Na trajetória de Pedro Sebastião Rocha, os “momentos de identidades” - expressos em Pedrinho, Pedro, Pedro Rocha e Pedro Xapuri - metamorfosearam-se tendo como propulsores a família, o trabalho e a participação em movimentos sociais. Cada uma e todas essas instâncias de sua vida geraram condições para que ele assumisse novas atividades e modos de

relacionamento, fato que, segundo Ciampa (1987), está intrinsecamente ligado ao processo de transformação da identidade.

Seu Pedro foi criado em uma família típica da roça e carregou os vínculos com a terra ao longo de sua vida. A mãe e a esposa tiveram extrema importância na estrutura familiar, com as quais ele aprendeu a superar as adversidades encontradas. Muito embora ele encenasse diversas personagens, há uma essência que permanece una na sua relação com a família, que se tornou uma das bases para as metamorfoses de sua identidade por ter sido o suporte na cartografia da migração e no enfrentamento das adversidades oriundas do desenraizamento. Em relação ao trabalho, podemos afirmar, a partir das narrativas de lembranças expostas, que Seu Pedro sempre se deparou com a exploração do trabalho, mas que ela foi enfrentada durante a rota migratória por meio da criação de estratégias de fortalecimento e luta pela autonomia, seja enquanto Pedrinho, o menino cearense e arrendatário inserido numa rede de exploração com a família; ou Pedro, o rapaz responsável pelo sustento da família, assalariado em centros urbanos que tentou romper com relações de exploração, mas acabou subordinado a formas diferentes de exploração; ou Pedro Rocha, o seringueiro sindicalista que, ao mesmo tempo em que era explorado, unia-se aos seus companheiros e buscava formas de superar essa condição. Essas personagens e as condições em que elas foram construídas estão presentes em outra personagem de Seu Pedro: Pedro Xapuri, trabalhador rural assentado Sem-Terra, militante, defensor dos que lutam pela reforma agrária, pela cooperação e pela agroecologia. Por fim, no que diz respeito à participação em movimentos sociais, as lembranças de sua trajetória de luta, principalmente no movimento sindical, serviram de base para as ações e posicionamentos atuais.

Atualmente, Seu Pedro se reconhece como Sem-Terra devido às relações que se estabelecem entre as personagens do passado com a do presente e, nesse encontro, passado, presente e futuro são ressignificados. Ao valorizar o passado e criar anseios comuns para o futuro, ele se enraizou. O processo ocorre em via dupla: ao mesmo tempo em que as lembranças de experiência de vida, expressas por meio das personagens encenadas, constroem a identidade Sem-Terra, esta intensifica e reforça as lembranças, pois atribui a elas significado e importância. O passado e o presente passaram a coexistir na identidade Sem-Terra influenciando-se mutuamente. O que une essas diferentes personagens é a luta pela autonomia, e o que as diferencia é o cenário em que foram construídas. Por meio delas é possível perceber o valor moral e

subjetivo que Seu Pedro atribui à terra, pelo poder que ela tem de produzir e, assim, garantir a sobrevivência objetiva e subjetiva dos que nela trabalham. Lutar por ela é lutar pela autonomia política e econômica e pela possibilidade de pertencer.

Nessa luta, o memorialista não está preso ao passado e à experiência individual. Por meio de ações concretas no presente, ele compartilha as suas experiências e reflexões no cotidiano do Assentamento 17 de Abril com os seus descendentes e seu grupo social. Entre essas ações estão: a militância na Regional Nordeste do MST, a contribuição que ele tem dado no processo de formação de outros Sem-Terra, a defesa dos ideais e a realização de uma pequena agricultura de base cooperada e agroecológica.

Seu Pedro entende que é a partir do trabalho de formação que os trabalhadores rurais podem perceber a terra para além do seu significado econômico. O que ele aprendeu e exerceu na militância do STR de Xapuri ainda é uma preocupação constante na sua vida que agora ele transporta e ressignifica para a realidade dos assentamentos rurais. Para Seu Pedro, não basta somente ter a terra; é necessário incorporar novos costumes e desenvolver novos modos de vida para nela permanecer e pertencer. As experiências de cooperação foram vividas como formas de enfrentar a opressão e garantir o sustento familiar. A transição agroecológica defendida pelo MST encontra eco na releitura que o memorialista faz da sua experiência na luta pela sobrevivência na seca do sertão nordestino, na preservação da Amazônia para garantir a existência dos seringueiros, na participação das iniciativas de cooperativas no Acre por meio da Caixa Agrícola e de laços de ajuda mútua que permitiram a estruturação do STR Xapuri. A continuidade entre passado e presente encontra-se nas relações de cooperação, formais e informais, mantidas no Assentamento 17 de abril onde, segundo o memorialista, o trabalho que realiza não é mera forma de sustento, mas também um compromisso com o meio ambiente e com as próximas gerações.

Em síntese, a leitura que Seu Pedro faz, hoje, dos fatos passados é influenciada pelos princípios organizativos do MST, pois o lembrar-se não é reviver, é refazer com imagens e ideias as experiências do passado: “a memória não é sonho, é trabalho” (Bosi, 2007, p. 55). É trabalho porque, no presente, interpreta o passado e orienta o futuro.

Para finalizar, é importante destacar que as histórias dessas personagens não são apenas partes da história de Pedro Sebastião Rocha. Articuladas a outras personagens e com outros matizes, elas revelam, sobretudo, a luta dos trabalhadores rurais brasileiros

em busca de autonomia e melhores condições de trabalho e vida. Resgatar memórias e fazê-las dialogar com os princípios organizativos propostos pelos movimentos sociais pode contribuir no processo de formação dos trabalhadores rurais assentados para fortalecê-los na luta contínua pela superação das inúmeras dificuldades enfrentadas no cotidiano, que levam à fragmentação política e à evasão dos projetos de assentamento.

Notas

- ¹ As letras maiúsculas na nomeação “Sem-Terra” são utilizadas para distinguir os demandantes de terra e/ou os trabalhadores rurais já assentados que compartilham os princípios organizativos do MST tendo, portanto, uma conotação de pertença política; a nomeação “sem-terra” refere-se ao trabalhador que não possui terra e não participa do Movimento.
- ² Cabe ressaltar a diferença entre papel social e personagem para Goffman (1985). Enquanto o primeiro são abstrações construídas nas relações sociais, o termo personagem implica a existência do sujeito, do ator. Portanto, o papel social necessita da personagem para se concretizar; dessa forma, a identidade é uma personagem desempenhando um papel social.
- ³ O trabalho de campo em Xapuri-AC foi realizado no contexto do Projeto de Cooperação Acadêmica – CAPES/PROCAD UFSCar/UFAM/UFAC, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Valêncio, Lima, Scopinho, & Freston, 2008), que possibilitou um intercâmbio de estudantes com a Universidade Federal do Acre.
- ⁴ Aquele que trabalha em malharia confeccionando as blusas e camisas.
- ⁵ Retomando Halbswachs (2006), podemos afirmar que a postura militante atual do memorialista influencia o modo como ele interpreta o seu próprio passado. Quando viveu em São Paulo nos anos setenta, ele não tinha conhecimento dos fatos políticos da época; a militância sindical e no MST o fez interpretar a não participação no movimento sindical paulista dos anos setenta como sendo produto da repressão.
- ⁶ Unidade de residência e trabalho do seringal. A colocação é o espaço onde o seringueiro caça, pesca, cria animais e cultiva roças de subsistência e extrai o látex. É uma unidade ambiental com diferentes nichos de recursos e atividades econômicas e uma unidade social pois as pessoas mantêm entre si intensas relações de vizinhança.

Agradecimento

Agradecemos o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, na forma de bolsa de iniciação científica e recursos para a pesquisa no âmbito do Programa Jovem Pesquisador.

Referências

- Bosi, E. (1987). Cultura e enraizamento. In A. Bosi (Org.), *Cultura brasileira: temas e situações* (pp.16-41). São Paulo: Ática.
- Bosi, E. (2004). *Tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social* (2ª ed.). São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bosi, E. (2007). *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (14ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Ciampa, A. C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil Ltda. – Concrab. (1997). *Cooperativas de Produção - questões práticas* (Cadernos de Cooperação Agrícola, 21, 3ª ed.). São Paulo: Concrab/MST.
- Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil Ltda. – Concrab. (2001). *O que levar em conta na organização do assentamento: a discussão no acampamento* (Cadernos de Cooperação Agrícola, 10). São Paulo: Concrab /MST.
- Frochtengarten, F. (2002). *Memórias de vida, memórias de guerra: uma investigação psicológica sobre o desenraizamento social*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Goffman, E. (1985). *A representação o eu na vida cotidiana* (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gonçalves Filho, J. M. (1998). Humilhação social: um problema político em Psicologia. *Psicologia USP*, 9(2), 11-67.
- Halbswachs, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST. (2006). *A reforma agrária necessária: por um projeto popular para a agricultura brasileira*. São Paulo: Autor.
- Paula, E. A. & Silva, S. S. (Orgs.). (2006). *Trajetória da luta camponesa na Amazônia acreana*. Rio Branco: Edufac.
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. (1986). *Primeiro Encontro Municipal de Seringueiros de Xapuri* (Relatório e resoluções do encontro). Xapuri: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.
- Stedile, J. P. & Fernandes B. M. (1999). *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behavior. *Social science information*, 13, 65-93.
- Valêncio, N. F. L. S., Lima, J. C., Scopinho, R. A., & Freston, P. (2008). *Processos de territorialização e identidades sociais: construção material e simbólica do lugar em contextos político-econômicos e socioambientais distintos* (Projeto de Cooperação Acadêmica – PROCAD UFSCar/UFAM/UFAC). São Carlos, SP: Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFSCar.
- Weil, S. (1996). Desenraizamento. In E. Bosi (Org.), *Simone Weil: a condição operária e outros estudos sobre a opressão* (2ª ed., pp. 409-440). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Recebido em: 19/07/2010

Revisão em: 20/06/2011

Aceite em: 14/09/2011

Natália Kerche Alvaides é Graduada em Psicologia pela UFSCar, mestranda em Psicologia pela UFSCar. Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Endereço: Rodovia Washington Luís, km 235 – SP 310, São Carlos/São Paulo, Brasil. CEP 13565-905.

Email: nka.k@hotmail.com

Rosemeire Aparecida Scopinho é Graduada em Psicologia pela USP–RP, mestre em Educação pela UFSCar, doutora em Sociologia pela UNESP-Araraquara/SP.

Professora Adjunta, Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Endereço: Rodovia Washington Luís, km 235 – SP 310, São Carlos/SP, Brasil. CEP 13565-905. Email: scopinho@ufscar.br

Como citar:

Alvaides, N. K. & Scopinho, R. A. (2013). De sem-terra a Sem-Terra: memórias e identidades. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 288-297.